

## DISCURSO DO LONGO CAMINHO Recepção a Cyro de Mattos

Aramis Ribeiro Costa

Senhor Acadêmico Cyro de Mattos:

Podeis dizer como aquele político famoso, que trazia na bagagem a condição ímpar de ter sido governador de dois estados da federação brasileira:

— Eu venho de longe...

Vindes de longe, de muito longe, senhor acadêmico Cyro de Mattos. E quando distingo, no portal desta saudação que vos faço em nome da Academia, a lonjura da vossa caminhada, não me refiro aos trezentos e quinze quilômetros que separam a nobre cidade sul-baiana de Itabuna desta Cidade do Salvador de todos os santos e todos os demônios. Essas distâncias da geografia estão definitivamente encurtadas pela rapidez e facilidade dos meios de transporte hodiernos, que nos transformam, nós a humanidade, numa só estranha raça neste planeta azul e castigado, dolorosamente sujeita aos mesmos males universais, no desamparo existencial de uma era de conflitos insolúveis e questões desafiadoras, porém na plenitude de espantosos recursos técnicos e científicos, que afinal trazem alguma esperança. *Brave new world* perdido em seus destinos e desatinos, ou um grande e único mundo sob o olhar atento e implacável do Grande Irmão. Huxley e Orwell tornaram-se os profetas de nosso tempo, ampliaram as lentes para que enxergássemos nossos abismos. Não me refiro, senhor acadêmico, a esses míseros quilômetros que se percorre no tempo da leitura de um de vossos admiráveis contos. A prova da curtíssima distância geográfica entre Itabuna e Salvador, é a vossa participação constante nas atividades desta Casa, como se morásseis a duas quadras deste palacete, presença que demonstra o vosso apreço pela instituição que nesta noite vos recebe pela segunda vez.

Vindes de longe, senhor acadêmico, porque percorreis com vossa alma de poeta e vossa imaginação de ficcionista uma longa estrada de realizações, porque concretizastes projetos e sonhos, e semeastes a cultura, palavra vasta e abrangente, de muitos significados e tantas vezes distorcida, mas que traduz o cerne de vossos objetivos. Pertenceis a essa casta louca e tantas vezes perdida, mas com os olhos iluminados de devaneios, que são os escritores. Sois um criador de arte, tendes a consciência de que escrever não é apenas pôr no papel sentimentos e imaginações, porém pô-los com o talento, a qualidade e os recursos que a verdadeira arte exige, fitando não apenas o presente, mas a permanência para além do criador — esse anseio tantas vezes infinito e vão que nos consome, mas também tantas vezes alcançado, de prosseguir existindo por meio da obra, já que a vida nada mais é que um breve e tormentoso sonho, cujo inevitável despertar ninguém deseja. Sabeis, sabemos todos, os que escrevemos, os vassallos fiéis e obstinados desse reino infinito que recria a realidade de muitas maneiras, que um escritor, para ser considerado como tal, necessita de vocação e talento. Vocação para persistir às dificuldades e indiferenças, e talento para erguer a obra acima das demais, elevá-la para que possa ser vista e considerada. Nem uma nem outro vos falta, senhor acadêmico Cyro de Mattos. Tendes a vocação do jovem que, ainda no Colégio da Bahia, afirmava que seria escritor, e do homem maduro e vivido que ainda afirma ser um escritor. E tendes o talento que faz bem alta a vossa obra e a faz reconhecida e admirada por vossos pares. Além disso, tendes, em vosso berço de escritor, a região Sul de nosso estado, a mais poderosa vertente da produção ficcional das letras baianas, a que vem dourada de cacau e banhada de sangue dos conquistadores daquelas terras, a que traz como alicerce notável a criação vigorosa de Jorge Amado, Adonias Filho, Hélio Pólvora e Jorge Medauar, além da luminosidade ímpar da poesia de Sosígenes Costa, e que Adonias, num rasgo de inspiração e ufania, tão apropriadamente denominou de Nação Grapiúna. Hoje não apenas pertenceis a essa privilegiada nação, mas sois também um de seus maiores.

A vossa história nesta Casa guarda a aparente singularidade de duas eleições e duas posses. A eleição e a posse do membro correspondente. A eleição e a posse do membro efetivo. Não sois, entretanto, o primeiro a vos tornar acadêmico de número após ter ocupado a também honrosa categoria de correspondente, a receber o duplo reconhecimento desta Academia, traduzido nas duas eleições e nas duas posses solenes. Antes de vós, o mesmo aconteceu ao acadêmico José Wanderley de Araújo Pinho, historiador dos *Salões e Damas do Segundo Reinado*, prefeito no quarto centenário desta Cidade do Salvador e, permiti-me dizer, padrinho de batismo de meu pai. Eleito e empossado membro correspondente em 1942 por residir no Rio de Janeiro, quando o Regimento da época vetava a eleição para membros efetivos de não residentes no Estado da Bahia, esse ilustre santamarense foi eleito membro efetivo em 1949, na sucessão do grande Afrânio Peixoto, ao passar a residir em Salvador. Tal fato demonstrou a todos o quanto a Academia o reconhecia, e o queria entre os seus efetivos.

O mesmo ocorreu convosco, senhor acadêmico Cyro de Mattos. O Regimento, em vosso tempo, mostrava-se ainda mais rigoroso, não permitindo a eleição para membro efetivo de quem não residisse em Salvador, ainda que morasse na Bahia. Compreendamos os acadêmicos da época, os que consignaram em nossas normas tal

exigência. Uma instituição como esta, que se quer viva e atuante, cada vez mais viva e atuante porque de importância essencial para a cultura e as letras de nossa terra, não funciona sem a presença dos acadêmicos, e o receio, que ainda hoje nos assalta, de não se obter o quórum regimental para as sessões necessárias, levou-os a tal medida extrema. Mas era urgente e eu diria fundamental a vossa presença, como no passado a de Wanderley Pinho, e fostes eleito em 2002 membro correspondente, sendo empossado, neste mesmo Salão Nobre, pelo presidente Cláudio Veiga, e recebido pela palavra sempre eloquente e erudita do acadêmico João Eurico Matta. Com a reforma do Regimento, o encurtamento das distâncias e o entendimento do significado desta Academia não apenas para a Cidade do Salvador, mas para toda a Bahia e todos os baianos, tornava-se justo e necessário que fosseis alçado pelo voto à condição que mereceis, a que nesta noite vos impõe o colar de ouro que sustenta a medalha com a insígnia, e o compromisso agora vitalício de servir e honrar esta instituição. Maior é o vosso compromisso por ter sido aqui admitido por duas vezes, e mais ainda, por virdes acrescentar neste sodalício a já existente e tradicional representação da poderosa literatura do Sul da Bahia.

Nas quarenta Cadeiras da Academia, não há nenhuma mais valorosa ou mais honrosa que a outra. Todas são absolutamente iguais em valor, embora cada uma delas tenha a sua própria história. Sucedeis a um acadêmico que não recebeu o título de membro benfeitor, mas tornou-se benfeitor no testamento, ao nos deixar de herança o próprio apartamento em que residia, numa das maiores demonstrações de estima e consideração já recebidas por esta instituição. O poeta Clóvis Lima não queria títulos, não queria reconhecimentos. Era um homem simples e bom que se comprazia em servir, sem a ansiedade rasteira do agradecimento. Para si mesmo, bastava-lhe a quietude e a paz de sua vida íntima, a convivência com os amigos, e ser poeta. Mas, se todas as Cadeiras desta Casa são iguais em valor, podeis vos vangloriar de terdes como fundador o mais notável dos fundadores, aquele que tantas vezes foi considerado a maior inteligência e a maior cultura de seu tempo, a águia que espantou o mundo, o pensador que ainda hoje espanta, Ruy Barbosa. Com tal antecessor e tal fundador, deveis, senhor acadêmico, vos sentir recompensado pela demora de vos sentar numa de nossas Cadeiras. Tendes a glória e a generosidade a vos anteceder. Assentai-vos, pois, senhor acadêmico Cyro de Mattos, e confortavelmente; descansai um pouco de vossa longa e fecunda caminhada, que tenho de contar algo de vossa vida, embora bem mais valha a obra que a vida de um escritor.

Não sei se diga que nasceste no dia 31 de janeiro de 1939, o mesmo dia e mês em que eu próprio nasci — alguns anos mais tarde. Como vossa biografia é pública e notória, e foi já tantas vezes publicada, não creio que a revelação de vossos setenta e sete anos de vida seja de fato uma revelação, muito menos uma indiscrição. A idade dos escritores, senhor acadêmico, deveria ser contada a partir das primeiras publicações, ou talvez dos primeiros sonhos ou devaneios de escritor ou de poeta, da primeira palavra escrita nascida da inspiração, do primeiro verso, do primeiro enredo concluído com êxito, do primeiro elogio ou da primeira crítica, e não do simples e prosaico nascimento que, afinal, é uma circunstância alheia à nossa vontade. Rememoro que nasceste em Itabuna, aquela cidade que assinala o mapa da Bahia com o ouro do cacau e a notabilidade da literatura, filho de Augusto José de Mattos, que vos queria advogado, e de Josephina Pereira de Mattos, que em menino vos contava histórias, para que dormísseis sorrindo, embalado no sonho delas. A sedução pelas narrativas, e pela emoção que elas traziam, vos tornou bem cedo o leitor que jamais deixastes de ser, a buscar nos livros o mundo paralelo que dá sentido à existência dos que nascem para escrever. Vossos primeiros estudos foram naquela cidade sul-baiana, onde o Rio Cachoeira parece murmurar permanentemente enredos e versos, que os espertos escritores e poetas da terra apenas anotam. Ou, quem sabe, é o cheiro das folhas e dos frutos dourados dos cacauzeiros, ou ainda das terras encharcadas de suor e de sangue, a inspirá-los permanentemente, a fazê-los construir a literatura que, ao longo dos anos, vêm construindo com tanta competência. Mas viestes completar vosso curso ginasial no rigoroso internato dos irmãos Maristas, em Salvador, daí partindo para aquela universidade de desejos, de sonhos, de ideias, de esperanças e de ousadias que era o Colégio da Bahia de vosso tempo e também ainda do meu, embora logo em seguida ao meu tempo se esfacelasse na muralha obscura e cruel da ditadura militar, e onde o curso de colégio era a melhor preparação para a faculdade. Ali, fostes fazer o clássico, onde podíeis encontrar as ciências humanas, as línguas estrangeiras, e também a literatura, tão presente e tão necessária nas aulas de português, nas conversas com os colegas e na excelente biblioteca do colégio. Diante de vossa eloquente vocação de escritor, imagino, senhor acadêmico Cyro de Mattos, que o que vos levou à Faculdade de Direito, além, naturalmente, do influente desejo paterno, foi, como tantos de vosso tempo, bem mais a vossa capacidade de falar e escrever bem, a vossa vasta leitura, o vosso gosto pela cultura, esses aspectos indisfarçáveis e brilhantes de vossa personalidade e de vossas tendências, que o simples desejo pessoal de vos tornar advogado, embora tenhais exercido com grande competência a vossa profissão por longos quarenta anos. Mas, senhor acadêmico, permiti que também imagine, que imaginar é o ofício meu e vosso, de escritores, porém tomando por base uma dolorosa experiência pessoal, quantas vezes, ao sair de casa para cumprir com vossas obrigações profissionais, no acompanhamento dos processos advocatícios sob vossa responsabilidade, não suspirastes fundo, desejando estar em casa, a compor com tranquilidade vossos enredos e vossos versos, e não invejastes, no bom sentido, que também isso existe, aqueles escritores que têm todo o tempo disponível para pensar a própria literatura, e escrever!

Mas fostes também jornalista, e esse era outro ofício para o qual se dirigiam os que escreviam bem, os que

tinham cultura e cultuavam a literatura. E aqui a distância da literatura era menor, pois na imprensa da época de vossa militância havia espaço, muitas vezes generoso, para a criação literária. Não foram poucos os poetas e ficcionistas que iniciaram o aprendizado e o ofício de escrever nas páginas da imprensa diária ou periódica. Vós mesmo, em vossa juventude, acompanháveis, da Bahia, com grande interesse, o suplemento literário d' *O Estado de São Paulo*, e tivestes, aos vinte e um anos de idade, vosso primeiro conto, "A Corrida", publicado no suplemento literário do *Jornal da Bahia*, cujo editor era o nosso saudoso confrade João Ubaldo Ribeiro. Em consequência, quando os processos advocatícios aforados na Comarca de Itabuna passaram a subtrair insuportavelmente o tempo da escrita, a sufocar a criação literária, obrigando-vos a prejudicar uma atividade indispensável à vossa vida, tomastes a decisão de fechar o escritório de advocacia, abandonar a profissão, e transferir-se para o Rio de Janeiro, para onde se dirigiam tantos de vosso tempo com os mesmos anseios e nas mesmas condições, para fazer jornalismo e, paralelamente, literatura. Fostes redator do *Jornal do Comércio*, de *O Jornal* e do *Diário de Notícias*. Como era vosso propósito, foi frequente, nessa época, vossa colaboração literária nas revistas *A Cigarra*, *Cadernos Brasileiros* e *Leitura*, também no *Jornal do Escritor*, no *Jornal de Letras*, nos suplementos literários do *Jornal do Comércio* e do *Jornal do Brasil*. E não fossem as obrigações e os deveres familiares, alguns dolorosos, que vos obrigaram a retornar a Itabuna e à banca de advogado, e o vosso longo caminho teria certamente tomado outro rumo, impossível de prever. O fato, e incontestável, é que as idas e vindas, as obrigações e as dificuldades, jamais vos fizeram desistir de criar, e com grande empenho e grande dedicação, vossa literatura, pelo contrário: podeis hoje apresentar uma das mais extensas e diversificadas bibliografias das letras baianas.

E aqui chegamos, senhor acadêmico Cyro de Mattos. Vosso caminho é longo, e o meu, neste momento, vos acompanha a caminhada, para chegar à vossa obra, e olhar aflito as dezenas de títulos em praticamente todos os gêneros: a crônica, o conto, a novela, o romance, a literatura infantil ou infanto-juvenil, a poesia, o ensaio, a organização de antologias, numa total impossibilidade de comentar, como gostaria, cada uma de vossas publicações. Incluindo as antologias e as coletâneas de vossa organização, no Brasil e no exterior, são cinquenta e cinco títulos seguidos de vosso nome, como autor ou como organizador, numa demonstração esmagadora de vosso trabalho incansável, de vosso interesse permanente e diário pela literatura, de vossa dedicação polígrafa e versátil a esse ofício, de vossa persistente produção.

Pergunto-me se foi o vosso encantamento pelo mundo mágico e palpitante de Monteiro Lobato, que fascinou tantas gerações de brasileiros, ou se foram os netos, como ocorreu à escritora Gláucia Lemos, que vos levou a vos dedicar tanto à literatura infanto-juvenil. Prefiro acreditar no vosso coração voltado para as alegrias e as fantasias da infância, pois só aqueles que guardam o coração puro e a alma leve da infância em meio às turbulências da vida adulta, podem dedicar-se com tanto empenho a essa literatura que se volta prioritariamente para esse público tão imaginoso e exigente. Não há, na Europa, uma única importante antologia de contos para adultos que não traga ao menos uma obra-prima daquele extraordinário Andersen, o do patinho feio, do intrépido soldado de chumbo e da sereiazinha. De tudo que esse gênio da Dinamarca escreveu, e foi também poeta e romancista, o que ficou para o mundo e a eternidade foram aqueles admiráveis cento e sessenta e oito contos que ele dedicou à infância, mas que nenhum adulto sensível pode ler sem um sorriso, ou uma lágrima teimosa a escorrer dos olhos. *Alice in Wonderland*, de Carrol, é outra obra-prima indispensável ao cânone da literatura universal. A literatura infantil, ou infanto-juvenil, senhor acadêmico, se feita com talento e sensibilidade, como é o caso da vossa, pode ser uma literatura tão alta e tão eterna quanto qualquer outra, ou mais ainda, porque impregna na alma e na gratidão da infância, e ali permanece para sempre. Além disso, tem a sublime responsabilidade de estimular e formar novos leitores. Vossos quatorze títulos nesse gênero, em prosa e verso, povoam, certamente, a imaginação e o encantamento desse público. Imagino quantas crianças foram e vão dormir sorrindo, como o pequeno Cyro de Mattos, ao ouvir as histórias de Josephina, após ler *O menino camelo*, *O palhaço bom de briga*, *O Circo Cacareco*, as *Histórias do mundo que se foi*, *O goleiro Leleta e outras fascinantes histórias de futebol*, *O menino e o boi do menino*, *O menino e o trio elétrico*, *Roda da infância*, *Lorotas, caretas e piruetas*, *O que eu vi por aí*, *O circo do quintal*, *Minha feira tudo tem como onda vai vem*, *Minha turma agora dorme*, ou *O mundo é uma criança com palhaço e lambança*. Histórias e poemas de palavras fáceis e sedutoras, de versos breves e ritmados, de circunstâncias curiosas e provocadoras, de aventuras excitantes que se transformam em sonhos, textos coloridos e mágicos que povoam o imaginário de quem vai continuar o mundo, algumas dessas produções premiadas, traduzidas e publicadas no estrangeiro.

Mas a vossa sensibilidade cristaliza-se também, ou principalmente, nos vários volumes nos quais se acomoda a vossa produção poética, mais de quinze títulos entre edições brasileiras e estrangeiras. Também aqui, à semelhança da literatura infanto-juvenil, há distinções, como o Prêmio Internacional de Literatura Maestrale Marengo d'Oro, para obra inédita, em 2006, e opiniões abalizadas e consagradoras. Prefiro, entretanto, a emitir juízos, que vossa poesia fale por si mesma, com a delicadeza e a emoção que elas transmitem. Podia escolher um de vossos *Vinte e um Poemas de Amor*, algumas estrofes do premiado *Cancioneiro do Cacau*, algum exemplo retirado das páginas do *Ecológico*, certos versos de *A Casa Verde*, ou de qualquer outro de vossos vários títulos nesse gênero; podia, ainda, destacar um entre tantos poemas que vindes publicando há tantos anos com regularidade na *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Mas, seduzido que sou pelos encantos das águas

que enfeitam as paisagens, as salgadas e as doces, estas últimas tão escassas nesta cidade marítima de Salvador, fui aos *Poemas da Terra e do Rio*, e de lá trouxe, para esta noite, o vosso “Soneto do Rio”, aquele famoso Rio Cachoeira que banha com águas mansas, mistérios e beleza a vossa cidade. Ouçamo-lo:

*Havia céu e sol na correnteza,  
Brilhinhos chuviscando a natureza.  
Nos poços e pedras negras havia  
Uma lua, branca ave sem ser fria.*

*Não havia dúvida nem certeza  
Apenas rioflor; risos de pureza.  
Certamente canção de noite e dia,  
Certamente uma fábula que havia.*

*E olhos de outras águas, de lei renhida,  
Rosto de sofrido sol, de sombria  
Lua, decididamente haveria*

*De ver vidrinhos em antiga dança,  
Prata da noite em superfície mansa  
Reinventando o mistério da vida.*

Que mais eu podia dizer, que não dissessem vossos próprios versos? Escutada a poesia, que, à semelhança da prata da noite na superfície das águas, também reinventa o mistério da vida, deparo-me com vossa prosa. E aqui, senhor acadêmico Cyro de Mattos, ocorre-me que, embora os autores daquela região sul-baiana tenham haurido suas ficções da mesma terra e da mesma gente, do mesmo passado e dos mesmos costumes, do mesmo vigor ancestral de aventureiros e conquistadores, da mesma forte sensualidade que motivou desejos e crimes, e seja inegável a merecida admiração de uns pelos outros, cada um fez e faz a sua própria literatura, com uma surpreendente originalidade. Há em todos, como um tributo à vertente comum, a presença das fazendas, do cacau, do suor e do sangue, do poder e da opressão, do heroísmo ou da brutalidade dos momentos extremos. Mas cada autor vem com a marca de sua personalidade, com o seu estilo, com sua perspectiva, com sua forma de contar, com enredos nascidos das vivências e das memórias pessoais para a vigorosa recriação ficcional. Não há como confundi-los, e essa diversidade mais ainda engrandece a literatura da região cacauera baiana.

Além da crônica e do ensaio, a primeira posta em volumes, como naqueles ótimos *O Mar na Rua Chile* e *Um Grapiúna em Frankfurt*, e o segundo quase sempre em periódicos, como a *Revista* desta Academia, vossa prosa desdobra-se nos três pilares da criação ficcional: o romance, a novela e o conto.

O romance, *Os Ventos Gemedores*, na linha dos conflitos por posse de terra e liberdade, na tradição violenta e dramática do romance baiano do cacau, chega trazido pelo hábito de criar personagens intensos e pela experiência de narrar, capaz de provocar tempestade no território ficcional de Vulcano Brás, mas também na emoção do leitor. A tragédia dos inocentes em confronto com os poderosos, o abuso de poder, a valentia, o amor e a morte.

As novelas concentram-se particularmente no premiado volume *Os Brabos*, que nos traz quatro ficções de raízes fundas no cenário grapiúna, tão bem definido na paisagem, nos costumes e na linguagem. E os contos, finalmente, agrupam-se em vários volumes.

Embora *Os Recuados* e *Os Brabos* tenham a sua importância histórica, e guardem a exclusividade de certas narrativas, o livro síntese de vossa ficção curta, porque relembra os anteriores, a levar o vosso nome pelos tempos adiante como um dos maiores desse gênero nas letras baianas, é, até o presente momento, a coletânea *Berro de Fogo e outras histórias*, 2ª. edição. Concordo com a crítica e acadêmica Gerana Damulakis, quando afirmou, no prefácio de *Os Brabos*, que aquele “volume de quatro narrativas simboliza a arte da ficção escrita no século XX, no Sul da Bahia”. E concordo com meu prezado amigo e crítico Cid Seixas, quando, em sua coluna de crítica no jornal *A Tarde*, afirmou, por ocasião do lançamento da coletânea aqui referida: “Esta coletânea, *Berro de Fogo e outras histórias*, traz mais de uma narrativa que pode ser incluída em qualquer antologia do conto brasileiro”.

Na verdade isso já vinha acontecendo e continuou a acontecer, e não apenas nas antologias do conto baiano e brasileiro. Vosso conto “Ladainha nas Pedras” participa de uma famosa antologia dinamarquesa ao lado de Mario Vargas Llosa, Jorge Luís Borges, Miguel Angel Astúrias, Júlio Cortázar, Juan Rulfo, Clarice Lispector, Aníbal Machado e vários outros notáveis da literatura universal e brasileira, mestres também na ficção curta. Participais de outra antologia de contos, na Rússia, que também coloca a vossa narrativa ao lado da de mestres de reconhecimento universal. A vossa participação em antologias nacionais é extensa, sendo praticamente

obrigatória nas antologias baianas. Embora a inclusão em antologias já represente um reconhecimento e um destaque de mérito, vossos contos e novelas também arrebatarem prêmios e distinções: o conto “Inocentes e Selvagens”, título que poderia abarcar toda a vossa obra de ficção, toda ela pontuada pelo confronto da inocência com a selvageria, conquistou o Prêmio Miguel de Cervantes, patrocinado pela Casa dos Quixotes, do Rio de Janeiro, para autores de Língua Portuguesa, em 1968; as quatro narrativas de *Os Brabos* conquistaram, dez anos depois, o Prêmio Nacional de Ficção Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras; e o conto “Coronel, Cacaueiro e Travessia” recebeu Menção Especial no Prêmio Internacional de Literatura da Revista Plural, do México, concorrendo com oitocentos e dezessete textos de ficção curta de seiscentos e doze autores da América, Europa e Ásia, em 1981.

Nada disso surpreende os que conhecem vosso conto e vossa novela, narrativas fortes e bem urdidas, alicerçadas em linguagem correta, variada e rica, trespassadas do que a condição humana tem mais profundo, odioso ou comovente, movimentadas por personagens rudes ou sofridos, mas sempre convincentes. “Berro de Fogo”, onde a mágoa, o rancor, a opressão e o remorso se misturam para tecer situações impactantes e violentas; “Inocentes e Selvagens”, onde o amor de um menino por um porco é castigado com a morte, na duríssima contraposição da pureza da criança com a brutalidade dos homens; “O Velho e o Velho Rio”, “Ladainha nas Pedras”, “Coronel, Cacaueiro e Travessia”, “Velhinhos em Suas Notações de Amor”; qualquer dessas narrativas banhadas de sangue, ternura ou lágrima faria a nomeada de um contista, ainda que esse contista tenha nascido na cidade onde nasceu o grande Hélio Pólvora, e tão próximo de onde nasceu Adonias Filho.

Vede, senhor acadêmico, que chego ao final desta saudação, sem comentar, sem ao menos mencionar todos os títulos de vossa produção literária; sem destacar as várias e tão importantes antologias que organizastes; sem exhibir a vossa já extensa relação de obras traduzidas e publicadas fora do Brasil; sem relacionar as mais de cinquenta antologias nacionais e estrangeiras onde estais incluído como poeta ou como contista; sem assinalar todos os vossos merecidos prêmios, aqui aponte apenas alguns; sem citar os elogios de tantos notáveis à vossa obra; sem louvar a vossa dinâmica participação em instituições culturais; sem sequer lembrar que sois um dos fundadores da Academia de Letras de Itabuna, em cuja instalação tive o privilégio de discursar como presidente da Academia de Letras da Bahia; sem mencionar vosso dedicado culto à memória de Adonias Filho, de quem, inclusive, resgatastes em premiado livro, histórias dispersas; sem acender, enfim, tantas luzes raras e preciosas que mais iluminariam a apoteose de vossa chegada a este momento; apenas procurando traçar, num aligeirado bosquejo, o vosso longo e fecundo caminho de fiel servidor das letras e da cultura de nossa terra, vosso longo e fecundo caminho de sonhar e fazer literatura, caminho que vos trouxe pela segunda vez a esta Casa, e que vindes percorrendo ao lado de vossa dedicada Mariza, alentados ambos pelo encanto insubstituível dos filhos e dos netos.

Senhor acadêmico Cyro de Mattos:

Mais difícil que conquistar, é reconquistar. Esta noite é a festa de vossa reconquista. Sede bem-vindo.

\*Discurso proferido no Salão Nobre da Academia de Letras da Bahia, em recepção ao acadêmico Cyro de Mattos, no dia 10 de novembro de 2016.